

# Magalhães é um migrante da política

Do Correspondente

Recife — Um professor universitário de 56 anos, que até a década de 70 tinha uma postura ideológica se inclinando para a direita, e que evoluiu até a social-democracia hoje, Roberto Magalhães, iniciou a sua vida pública como secretário de Educação de Pernambuco, assumindo em seguida o cargo de vice-governador do estado, nomeado, no governo Marco Maciel, em 78. Indicado candidato ao Palácio do Campo das Princesas, em 82, contrariando todas as expectativas, elegeu-se governador, infligindo uma derrota contundente ao melhor candidato de que dispunha o PMDB em todo o País, Marcos Freire.

Fazendo um governo austero, do qual saiu com um índice de popularidade de mais de 70 por cento, mas com pouca habilidade política em função de sua maneira franca de dizer as coisas, sem meias palavras, Magalhães saiu do governo em 86 para uma derrota nas urnas mais fragorosa do que aquela que impusera aos peemedebistas no pleito de 82. Seu candidato, José Múcio Monteiro (PFL) perdeu para Miguel Arraes por mais de 600 mil votos, e ele próprio, candidato a senador, teve o desprazer de não se eleger, perdendo para dois candidatos então insignificantes eleitoralmente se comparados a ele: Mansueto de Lacerda e Antonio Farias, fato do qual custou muito a se recuperar.

No exercício do cargo de governador, integrou-se à campanha das diretas, incorrendo na ira do governo Figueiredo, distanciamento este que se tornou definitivo quando ele se tornou o primeiro governador do PDS a



Magalhães: polêmica

se posicionar contra o candidato presidencial de seu partido, Paulo Maluf (PDS), apoiando o candidato do PMDB, Tancredo Neves.

Roberto Magalhães, quando da campanha para o governo de Pernambuco, em 82, sofreu ataque cerrado da esquerda pernambucana, por causa das suas convicções ideológicas, sendo qualificado de "guru da direita" pelo deputado Roberto Freire. Com a constante evolução que observou na sua linha ideológica surpreendeu correligionários e adversários. Da inclinação direitista evoluiu para o trabalhismo, abandonando o PFL após a derrota de 86 e integrando-se ao PTB, do qual foi presidente regional até esta semana, aderindo à linha social-democrata. Pouco antes, chegou quase a sucumbir aos acenos do ex-governador Leonel Brizola para que entrasse no PDT. Ultimamente estava em confronto com a direção nacional do PTB, por defender uma postura de unidade trabalhista do seu partido com os brizolistas, pregação que foi rechaçada pelo presidente do partido, Paiva Muniz, o que contribuiu para a sua decisão de aceitar o convite dos tucanos.